



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

UM TRATAMENTO DO FENÔMENO PSICOSSOMÁTICO (FPS): DE *LITTER* PARA *LETTER*

Isadora Nicastro Salvador, isadoranicastro94@gmail.com
Ricardo Brandel Júnior, brandel.rj@gmail.com
Denise Maria Lopes Dál-Col, denisedalcol@hotmail.com

Universidade Estadual de Londrina

Resumo

Trata-se de um recorte de pesquisa de doutorado realizada, em que se busca destacar a singularidade do tratamento psicanalítico do fenômeno psicossomático (FPS). Visa-se a exposição de uma diferença teórico-prática entre o FPS o sintoma analítico. Dessa forma, de acordo com a psicanálise de orientação lacaniana abordada na tese, trata-se de compreender aspectos ímpares destes fenômenos e a possibilidade de fazer o que antes era um resíduo de gozo – *litter* -, uma possibilidade de inscrição simbólica; uma leitura da letra pela cadeia significante: fazer de um lixo, *litter*, uma carta, *letter*.

Palavras-chave: Fenômeno psicossomático; Psicanálise lacaniana; Percurso de análise.

Introdução

O tema deste trabalho decorre de uma questão extraída do Programa de Formação Complementar de Ensino intitulado “Fenômenos do corpo na orientação (clínica) psicanalítica de Freud-Lacan: angústia, sintomas (histéricos) e fenômenos psicossomáticos” realizado no departamento de Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina. Este projeto trata-se de um estudo da tese “A escrita e o corpo em psicanálise e sua implicação nos fenômenos psicossomáticos” (Dal-Cól, 2016), o qual destaca as diferenças conceituais e clínicas dos fenômenos psicossomáticos em relação ao sintoma analítico. A fim de conceituar tais fenômenos, entende-se que os FPS estão na fronteira das elaborações teóricas e metodológicas da medicina e da Psicanálise. Por esse motivo, trata-se de uma questão enigmática para aqueles que estudam a estruturação do sujeito e



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

encontram um entrave na tentativa de encaixar o fenômeno psicossomático dentro de uma das estruturas clínicas ou psicopatologias possíveis na orientação lacaniana: neurose, psicose e perversão.

Por se tratar de um fenômeno, algo que se exhibe, mostra-se, aparecendo e desaparecendo no corpo, ele não é analisado pela lógica estruturante de Lacan, já que não se trata de uma estrutura.

Embora perfeitamente orgânicas, pois há sempre um dano histológico objetivável, suas características não correspondem às lesões de causa puramente orgânica, tais como sintomas de graduação variável, evolução imprevisível, aparecendo em surtos sucessivos, podendo se mobilizar, se alternar, se conjugar; podendo se agravar ou simplesmente desaparecer. (Sagna, 1996 apud Dal-Cól, 2016, p. 13-14)

Exemplos de afecções somáticas são as feridas na pele, como alopecias, manifestações alérgicas, entre outros.

Diferentemente do fenômeno psicossomático, o sintoma, no sentido analítico, especialmente o sintoma histérico, é uma formação do inconsciente que tem estrutura de linguagem, isto é, é estruturado pelas leis de linguagem denominadas metáfora e metonímia por Lacan.

Em outros termos, como nos mostra Dal-Cól (2016, p. 22):

Na perspectiva clínica-conceitual freudiana, o sintoma histérico é um símbolo que tem sua representação no inconsciente; obedece às leis de linguagem sendo estruturada por elas, juntamente com um modo de satisfação pulsional. Tem, pois, inscrição (escrita) no corpo, sendo legível a partir do inconsciente.

Nessa via da diferença entre sintoma analítico e fenômeno psicossomático, o trabalho visa expor uma tese, uma elaboração conceitual dos fenômenos psicossomáticos na orientação lacaniana e sua implicação na clínica. Para isso, apresentará a tese teórico-clínica, de que “o FPS seria uma escrita como ravinamento de gozo, onde a letra se decanta como resíduo de gozo, *litter*, mas não remonta ao significante, de onde caiu, como *lettre* letra legível como uma carta, usando o duplo sentido que Lacan acentua.” (Dal-Cól, 2016, p. 8)

Senso assim, o FPS seria impossível de ser lido numa análise “[...] porque não evapora novamente para a nuvem de onde choveu, para funcionar como letra



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

na palavra, para se inserir no significante, usando aqui a metáfora das geleiras que propõe Lacan.” (Dal-Cól, 2016, p. 9)

Entretanto, em alguns casos, tal como demonstrado na tese, no percurso de uma análise seria possível a letra ‘criar’ “[...] sua face voltada ao simbólico, sua face de *lettre* [saber], para além do ravinamento de gozo para além de sua face de *litter* [lixo, resíduo, gozo] (Dal-Cól, 2016, p. 109)”. No percurso de uma análise, da escrita como lixo, *litter*, resíduo no corpo do sujeito, uma escrita, *lettre*, carta, com endereçamento, isto é, simbólico.

Dessa forma, a tese conceitua o sofrimento no corpo do sujeito pelo mal-estar do sintoma, e engendra a peculiaridade dos FPS na orientação freudiana-lacanianiana.

Procedimentos metodológicos

No Programa de Formação Complementar de Ensino, atuando enquanto colaboradores externos, os autores buscam realizar um trabalho teórico na vertente da Psicanálise Lacanianiana. Dentro deste campo, visam abordar uma questão, senão a fundamental, em que consideramos com grande relevância e importância, da tese de Doutorado estudada. Por essa via, será realizado um recorte da tese, para mostrar um paradigma conceitual do fenômeno psicossomático e uma possibilidade de tratamento clínico deste: fazer de um resíduo, um resto, traço, ravina de gozo, *litter*, um traço incluído no inconsciente e endereçado ao Outro: *lettre*. Assim, o estudo objetiva apresentar teoricamente o que foi trabalhado no Programa e, posteriormente, circunscrever essa orientação clínica de um tratamento possível dos fenômenos psicossomáticos.

Resultados e Discussão

De acordo com Dal-Cól (2016) uma análise visa, e pode decifrar pela palavra falada aquilo que foi cifrado pelo inconsciente. Em outros termos, para que seja feita uma leitura do escrito do sintoma, é necessário que se passe ao significante, passagem que só é feita na medida em que aquele que busca uma análise vocalize o que está escrito.



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

Segundo a autora, a escrita em psicanálise não serve à comunicação, senão ao registro de um acontecimento, fixação de uma memória, que para o ser falante é o encontro do organismo com a linguagem, a partir de onde se fixa a satisfação pulsional. A escrita é feita para o gozo deste encontro primordial, no qual o *falasser* (ser falante) recebe o significante enquanto pura sonoridade, que chicoteia o corpo. A satisfação pulsional deixa marcas que aparecem cifradas nas formações do inconsciente, como o sintoma, sonhos e lapsos.

Conforme a pesquisa estudada (Dal-Cól, 2016), a escrita do FPS não se escreve no inconsciente, é uma escrita ilegível, pois que o que se escreve é puro ravinamento de gozo. Mas a escrita não foi feita para a leitura, senão para o gozo, conforme já afirmamos. Não ter como visada final a leitura, não implica que este escrito não possa ser lido, pois até mesmo uma escrita antiga, comparável aos sonhos, pode ser lida pela palavra falada, gestos, entonações. Em uma análise, pela linguagem falada também é possível ler, na medida em que o sujeito ao falar, pode ler seu escrito, sua letra. O sintoma é também uma escrita dentro da cadeia significante, suposto legível, mesmo que haja nele um ponto de indecifrável, o real da satisfação pulsional. O FPS, de modo distinto, não se abre ao campo do saber inconsciente, já que ele seria uma escrita, mostração de um real indecifrável, sem a chave de leitura que o sintoma comporta. O FPS seria uma “escrita na qual a letra não estaria à espera de ser vocalizada” (Dal-Cól, 2016, p. 108), escrita que não sabemos ler.

Ainda segundo a autora, se a escrita não é feita para ser lida, resta como puro traço, mas, ainda que não feita para leitura, devemos considerar uma formação do inconsciente como possível de ser lida, ou seja, pode ser nomeada, dita, representada pelo significante. Para que a letra se coloque à espera de ser vocalizada, convocando o saber inconsciente, chave de leitura. Ler implica em articular a face real da letra, dejetos (*litter*), a sua dimensão voltada ao simbólico, saber (*letter*).

É a linguagem falada que vai permitir que a letra tenha sua face voltada para a simbolização ou não, quer dizer é a fala quem convoca o litoral ao literal, a divisão entre saber e o gozo. A letra ingressa na cadeia significante, toma a palavra falada.



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

A escrita do FPS é esta escrita-ravinamento no deserto, real do corpo, escrita que funda o real no *falasser*. Nos fenômenos psicossomáticos, a letra estaria no litoral como literal, mas com a face voltada ao real, não ao simbólico (articulação com a cadeia significante). Seria assim, letra como dejetos, *litter*, resto real que não entra no inconsciente por não estar articulada ao significante que a originou. Mas, conforme assinala Dal-Cól (2016), não se trata aqui da estrutura do sujeito, mas o que a autora chama de 'estrutura do fenômeno psicossomático', que mostra que o que há em alguns sítios no corpo é *litter*, letra apenas enquanto resíduo de gozo, por isso não representada no inconsciente.

Conclusões

Destaca-se da tese estudada que é possível concluir que não há uma direção de cura específica no que se refere ao tratamento psicanalítico do FPS, mas um trabalho no caminho inverso do sintoma analítico singular. Isso porque, embora a escrita (letra) de gozo do FPS não tenha a face voltada à cadeia significante e sim ao real, resíduo de gozo (*litter*), em que a letra apenas faz sulco, ravinamento de gozo, mas não se enlaça à cadeia significante, isto é, não faz carta (*letter*), há, em alguns casos, a possibilidade de tratamento do FPS. Fazer do FPS, com sua face voltada ao lixo (*litter*), gozo, uma face voltada à *letter*, ao saber. Compreende-se, então, a passagem do traço de um gozo ilegível para um traço possível de ser lido pelo significante (saber).

Referências

- Dal-Cól, D. M. L. (2016) *A escrita e o corpo em psicanálise e sua implicação nos fenômenos psicossomáticos*. 123 f. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – Rio de Janeiro: Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Lacan, J. (1971) De um discurso que não fosse semblante. In: *O Seminário*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.